

Partidos unem-se para repelir crítica do jornal

A irritação dos senadores e dos deputados com a foto e com o texto do **Jornal de Brasília**, que insinuava semelhança entre o Congresso e o circo-montado na praça dos Três Poderes, foi manifestada desde cedo na troca de telefonemas nervosos e indignados dos parlamentares. Em altos brados, o deputado Samir Achôa (PMDB-SP) classificava o noticiário de "um achincalhe, uma vergonha", afirmando não serem os deputados os atacados, "é a instituição". Bete Mendes (SP) dizia com veemência, mas sem levantar a voz, que "quem faz tal tipo de chacota está desfazendo do povo brasileiro". Para a deputada, "não falam mais em Galvêas, Delfim e Langoni; agora só se quer saber do **jeton**. Eles viraram uns santinhos". O líder do PDS, Prisco Viana, e o ex-líder do PMDB, Freitas Nobre, indagavam a quantas sessões neste ano havia comparecido o deputado Jaime Câmara, dono do **Jornal de Brasília**.

A publicação foi a gota d'água que fez explodir a irritação do Congresso, que se considera alvo de campanha infundada com a finalidade de o desgastar definitivamente perante a opinião pública e de aprisioná-lo na Capital Federal pelo comparecimento diário ao plenário. Na ausência dos parlamentares, os "ricos empresários" conquistariam suas bases eleitorais e seus lugares na Assembleia Nacional Constituinte.

Já antes das 8 horas da manhã,

na roda de pessoas que se reúnem no gabinete do secretário-geral da Câmara, Paulo Affonso Martins de Oliveira, os mais exaltados com a nota eram Celso Peçanha (PFL-RJ) e Samir Achôa, aos quais se juntou posteriormente o primeiro-vice-presidente da Casa, Humberto Souto. No Senado, Fábio Lucena foi o primeiro a chegar e, não encontrando o presidente José Fragelli em seu gabinete, deixou-lhe um exemplar do jornal com uma nota irritada de protesto contra o texto e a fotografia.

Fotos proibidas

Até os funcionários do Senado foram contagiados pela irritação dos parlamentares com os jornalistas. Os repórteres que procuravam o senador José Fragelli foram recebidos pelo chefe de gabinete, que os responsabilizou pela "campanha" contra o Poder Legislativo e proibiu a presença de fotógrafos para registrar os encontros do presidente da Casa.

As reuniões para a emissão de notas das presidências da Câmara e do Senado se sucederam de manhã e de tarde. As notas, porém, pareciam não atenuar o desgosto de muitos parlamentares. Para Manuel Novais (PDS-BA), deputado desde 1934, "o que está acontecendo é muito grave" e "pode ser até tentativa de desestabilização do regime, como disse o Ulysses". A nota do presidente da Câmara, no entanto, talvez não ate-

nuasse a "tensão na Casa, que é muito grande" — admitiu Novais.

Já o senador Amaral Peixoto, presidente do PDS e deputado à Constituinte de 1946, acha que a "campanha" não é só contra o Congresso, mas contra "as Forças Armadas, o Executivo, o Judiciário, contra a própria imprensa. Há qualquer coisa misteriosa aí".

Jetons

O deputado Walber Guimarães (PMDB-PR) anunciou ontem que vai apresentar imediatamente projeto de resolução fundamentado no artigo 237 do regimento interno da Câmara, que faculta a seu presidente o pagamento de **jeton** aos deputados que estejam em campanha eleitoral. Para Walber, a questão do cumprimento ou não das obrigações inerentes ao mandato pelos parlamentares é fundamental para a credibilidade do Poder Legislativo. Por outro lado, a questão, em sua opinião, está sendo tratada de maneira emocional e através da desinformação deliberada da opinião pública por notícias frequentemente incorretas.

O deputado paranaense chegou a acusar o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, de omitir-se diante do aviltamento da imagem do Congresso e insistiu na inconveniência de ele presidir simultaneamente um partido — o PMDB — e a Câmara, já que muitas vezes surgem conflitos e a instituição sai perdendo.